

DOCÊNCIA ANIMAL: UM ESTUDO NOOLÓGICO A PARTIR DE KAFKA E DELEUZE

Josimara Wikboldt Schwantz

Carla Gonçalves Rodrigues

Resumo

Quais imagens não dogmáticas emergem das maneiras com que se lê e se escreve, desde as condições de possibilidades oferecidas para pensar sobre a docência enquanto criação de um estilo pedagógico? Compreendendo a urgência da temática nesta contemporaneidade, no que se refere aos processos de subjetivação dos professores, este trabalho realiza um estudo noológico, utilizando a base filosófica da diferença, mais especificamente, de Gilles Deleuze. A pesquisa em desenvolvimento adota o método da cartografia, ao mapear as condições sob as quais novas imagens do pensamento são produzidas. Com isso, o artigo aposta na demonstração da existência de uma docência animal, constituída através do agenciamento de caoides (arte, filosofia e ciência) para compor escrituras. Por ora indica, como resultado parcial, que a produção de devires expressos, ao experimentar a obra de Franz Kafka, favoreceu a afirmação de modos singulares, tanto subjetivos quanto objetivos, de constituição de si.

Palavras-chave: Educação. Filosofias da diferença. Escrituras. Docência animal.

Introdução

A observação das constantes ações direcionadas aos professores, no que diz respeito ao discurso procedido de lideranças governamentais e da população em geral sobre a docência, faz movimentar este trabalho de pesquisa. Esse enunciado prega uma fala de desqualificação do profissional, de que esta profissão necessita ser reconhecida em suas limitações para que o governo venha a agir, muitas vezes, em parceria com algumas instituições privadas. Percebe-se que esta manifestação tenta encontrar uma saída para a problemática da educação: o modelo empresarial empregado nas escolas, como instrumento de mudança, fato este mencionado no documento Pátria Educadora (BRASIL, 2015).

Torna-se pertinente, neste tempo vivido, trazer a temática da docência para ser investigada, a partir da criação de problemas acerca do seu fazer, não apenas sinalizando quem é seu proponente. A escolha pela docência vem cada vez mais se extinguindo. Essa afirmação pode ser comprovada ao observar a escolha dos estudantes por cursos universitários. Os cursos de licenciaturas são os que têm menor procura. É possível perceber,

no relatório técnico do Censo da Educação Superior de 2012, a evolução do número de matrículas de graduação segundo seu grau acadêmico durante os anos de 2009 a 2012. As licenciaturas sofreram um aumento de pouco mais de 4% ao ano em relação ao bacharelado, com 4,6%, e o tecnológico, que registrou o maior crescimento com uma média anual de 11,6% (BRASIL, 2014, p. 60).

Diante desse fator, surgem algumas questões: O que faz com que algumas pessoas escolham ser docentes de carreira mesmo diante de tantos discursos desqualificadores da profissão? Existe, ainda, potência no ato de educar, que possa ativar a vida de uma/um docente? Uma potência que a faz levantar todos os dias e desejar estar na escola, criar suas aulas, orientar seus cadernos, apostar na relação de proximidade corpo a corpo com cada estudante? Qual a urgência da docência, nesta atualidade? Problemáticas que acionam o próprio movimento investigativo em torno da temática escolhida.

A ideia da pesquisa surge de um estudo referente ao conceito de estilo em obras publicadas pelo filósofo Gilles Deleuze. Ao adentrar o livro “Kafka: por uma literatura menor” (DELEUZE; GUATTARI, 2014), desperta-se o interesse pelo conceito de devir-animal desde matérias literárias de Franz Kafka. O interesse é fomentado pelas indagações postas anteriormente, juntamente com a experiência da pesquisadora no Projeto Escrileituras (CORAZZA, 2011), em que se utilizaram, em algumas de suas atividades, matérias literárias na produção de leituras e de escrituras com docentes e discentes da educação básica e universitária.

O Projeto Escrileituras foi aprovado pelo edital nº 038/2010, vinculado ao Programa Observatório da Educação (OBEDUC) e financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) junto ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Sua proposta de trabalho e de pesquisa foi vinculada à linha teórica de estudos das Filosofias da diferença. Buscou uma tentativa de operar, inseparavelmente, com a teoria e a prática, a leitura e a escrita, ambas trafegando em via de mão dupla. Atuou no experimento do ler e do escrever como potência e não, apenas, na representação de um saber (regras de gramática, por exemplo).

Nesta proposição, quatro professores de universidades federais e estaduais compuseram núcleos de pesquisa ampliando a abrangência do Projeto em nível nacional. Trabalharam em Oficinas na Educação Básica, na Educação de Jovens e Adultos e no Ensino Superior. Em relação à atuação, o Projeto realizou um total de 123 Oficinas onde 6.281 pessoas atuaram como participantes, atendendo a 166.406 estudantes e professores em escolas

públicas e universidades, de acordo com o relatório parcial de finalização do Projeto apresentado à CAPES em agosto de 2015.

O trabalho de ler-escrever trouxe ressonâncias nos modos de produção de sentidos, de histórias e de vidas que aconteceram nos variados lugares (secretarias de educação, sindicato dos professores, escolas e universidades públicas). Os textos produzidos tiveram a intenção de exercitar a imaginação a partir dos agenciamentos possibilitados pelas matérias filosóficas, artísticas e científicas oferecidas. Para isso, durante o desenvolvimento do Projeto, o professor oficinairo deveria apropriar-se de um movimento criador que, segundo Corazza et al (2014, p. 1035) requer um “nível curricular” para selecionar matérias que produzam afecções, percepções, funções e conceitos. “Irreverência temática”, ao privilegiar autores menores e “usar a linguagem como instrumento” na experimentação de seus múltiplos elementos.

Desde os estudos filosóficos empreendidos e as práticas escritoras realizadas pelo Projeto, afirma-se que há imagens do pensamento (DELEUZE, 1988) produzidas em meio à literatura que destitui o problema da identidade professoral, ao compor outros territórios subjetivos daqueles que leem e escrevem. O fragmento abaixo exemplifica a criação de tais imagens, a partir de uma Oficina de Escrita¹ denominada *Conatus*, realizada com professores de uma escola pública.

Na Índia a vaca é um animal sagrado, não pode ser morta ou molestada. No Brasil não poderia ser diferente, claro que de um modo bem tupiniquim: aquela vaca me rodou (muuuuuuu), a vaca me botou na rua (muuuuuuu), a vaca de física me deixou em exame (muuuuuuu), pô a vaca de história não me deu dois décimos (muuuuuuu), a porcaria da vaca não me deixou entrar (muuuuuuu) [...]. Ao ouvir os sábios conselhos, o inimigo das vacas, esbaforido com os próprios pensamentos que se transformavam em outros pensamentos, pesado e cheio de teia concluiu: - Eu vou arremessar o sinalizador naquela vaca (muuuuuuu). E, como estamos em um mundo machista, quem não é vaca é veado. Não, você está enganado, não estamos no campo, bem-vindo às escolas brasileiras (muuuuuuu) (*Podcast* intitulado *A vaca*).

Este movimento de escrita foi realizado por um grupo de professores, desde a proposta final da Oficina, que era a criação de personagens, e, posteriormente, um *podcast*² – pequenas novelas para rádio. Este material serviu como disparador para pensar a pesquisa, ao

¹ Matérias utilizadas na Oficina: HQ de “A metamorfose” de Kafka (material adaptado por Peter Kuper); Estudo dos conceitos corpo, alma, *conatus* e potência de vida em Spinoza e Nietzsche, utilizando programas do Café Filosófico (A existência como doença com Márcia Tiburi e A alegria e o trágico em Nietzsche com Roberto Machado); Apresentação de um trecho do filme “Quando Nietzsche chorou”.

² *Podcast* é o nome dado ao arquivo de áudio digital, frequentemente em formato MP3. Tratou-se de atualizar a produção das antigas novelas de rádio, mantendo o propósito de criação de personagens, bem como a construção de sons (barulhos e vozes) artesanais.

compreender a circunstância de enfrentamento dos desafios da docência. Uma maneira de proporcionar sentido àquilo que se passa na sala de aula, na relação com o outro, com a escola, criando seus próprios valores ao emergir uma vontade de potência à maneira de Nietzsche (2008). Essa potência que pode ser multiplicada pelo ato de ler-escrever em Escrelaturas, por exemplo, como um movimento de um eterno dizer sim aos devires que podem proliferar-se. Como um devir-vaca que aí salta dos estados de sensações oriundas de um espaço/tempo em que a própria docência era considerada como sagrada e outro espaço/tempo em que é vista como depósito de agressividades e identidades depreciativas.

Como problema de pesquisa, tem-se a seguinte questão: Quais imagens não dogmáticas emergem das maneiras com que se lê e se escreve, desde as condições de possibilidades oferecidas para pensar sobre a docência enquanto criação de um estilo pedagógico? O método da cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 1995; PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012) possibilitará acompanhar as trajetórias, os desvios, o plano de forças implicadas nas coisas ditas, escritas e feitas durante a investigação proposta. Permite, igualmente, olhar para o processo de produção de subjetividades. A pesquisa cartográfica favorece a constituição do pensamento rizomático em detrimento daquele arborescente, desconsiderando o funcionamento por hierarquias e decalques (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Um diário de bordo está sendo utilizado para registro. Trata-se de uma maneira de acompanhar o procedimento construído, bem como as variações em que a pesquisadora se põe em meio ao vivido.

Por uma noologia da docência

Levando em consideração as imagens dogmáticas da docência (professor transmissor de conhecimentos, detentor de saberes, avaliador, identificador de fases, reflexivo, mobilizador de competências), realiza-se um estudo noológico a partir de Kafka e Deleuze. O termo noologia vem da palavra grega *Nous*. Trata-se da ciência que estuda o espírito, a mente. De acordo com o filósofo Mário dos Santos (2016), a noologia não se restringe a apenas descrever o funcionamento do psiquismo humano, mas considerar, também, os temas transcendentais e metafísicos que giram em torno da investigação sobre a alma humana. Abbagnano (1998, p. 716) afirma ser a noologia um termo criado por Calvo em 1650, tratando-se de uma área que vinha auxiliar a metafísica junto com a gnosologia, que tem por elemento as funções cognitivas.

Considerando a noologia uma ciência e seu objeto o pensar, acredita-se na importância de conjugá-la à pesquisa, junto aos estudos de Deleuze (1988; 2003; DELEUZE; GUATTARI, 1995; 2010) realizados. Esse filósofo, em determinado momento de parceria com o psicanalista Guattari, atribui novo sentido ao termo noologia, compreendendo-o como um estudo das imagens do pensamento, combatendo as imagens dogmáticas, que, segundo eles, destitui sua força criadora a partir de verdades e pressupostos estabelecidos como naturais.

Por que a noologia interessa a esta pesquisa? Sendo a noologia “o estudo das imagens do pensamento e de sua historicidade” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 48), permitirá observar a condição de constituição de um pensamento docente a partir da experiência em ler-escrever. Algumas oficinas realizadas pelo Projeto Escriteiras (CORAZZA, 2011), mais especificamente, as produções obtidas em torno delas, é que fortalecem o interesse em investigar uma docência animal, enquanto processo subjetivo e constituidor de um pensamento não dogmático em relação ao modo de proceder à docência. Não é de interesse da pesquisadora criar outra imagem da docência para colocá-la no lugar das já existentes. Trata-se de uma alternativa para, talvez, poder varrer com os discursos, modelos e métodos de como ser um docente, de como agir e, até mesmo, de como pensar a educação e suas maneiras de ensinar-aprender.

Percebe-se, ao percorrer algumas obras de Deleuze, que o conceito de imagem do pensamento sofre algumas variações. Em “Nietzsche e a filosofia” (DELEUZE, 2016), obra publicada em 1962, afirma a existência de uma nova imagem do pensamento em detrimento da imagem dogmática. Refuta-a por aparecer diante de três teses ditas como essenciais: o pensamento contém o verdadeiro; o erro é uma força exterior que se opõe ao verdadeiro; e o uso do método serve como modelo de pensamento.

É possível verificar que as teses estão diretamente relacionadas com a Verdade, sendo o elemento do pensamento da *Doxa*. Diante do exposto, o filósofo traz, como uma maneira de afirmação, o conceito de uma nova imagem, onde o pensar só é possível diante de forças que se apoderam do pensamento, sendo este não natural. Este ato vem da ordem do acontecimento, sendo a cultura, diferentemente do método, a própria formação desta violência, transformando-se em algo ativo e afirmativo.

No livro “Proust e os signos” (DELEUZE, 2003), publicado em 1964, o filósofo retoma, em um capítulo intitulado A imagem do pensamento, o conceito tratado. Aqui ele faz referência à obra de Marcel Proust “Em busca do tempo perdido”, afirmando ser uma busca pela verdade. Para chegar até o conceito referido, o autor diz que o literato constrói uma

imagem do pensamento oposta à da filosofia clássica, ao combater pressupostos. Os signos são os objetos de um encontro e aquilo que faz com que o ato de pensar sofra uma violência, combatendo, dessa forma, a ideia de uma natureza inata.

Em “Diferença e Repetição” (DELEUZE, 1988), tese publicada em 1968, faz um movimento crítico em relação aos pressupostos da tradição filosófica, pois possui a fórmula do “todo mundo sabe” (p. 216). Nesta obra, observa-se o uso do termo pensamento sem imagem ao se referir àquilo que acontece no encontro com os signos e não com processos de reconhecimento e de representação do mundo e das coisas. Volta a renunciar à ideia de que o ser humano é dotado de uma consciência natural sobre o seu próprio pensamento. Na tentativa de demonstrar o problema dos pressupostos em Filosofia, ele destaca alguns postulados, refutando e afirmando questões sobre o pensamento.

Deleuze faz um movimento crítico do conceito de imagem do pensamento, afirmando que está diretamente relacionada com a Verdade, a Moral e os pressupostos dados, constituindo-se uma imagem dogmática. Para combater essa imagem e libertar-se dos postulados, seria necessário um pensamento sem imagem, que não se satisfaça com as recognições, significâncias nem reconhecimentos, mas localize potência nos signos que são emitidos desde os encontros proporcionados. Da mesma forma que combate a ideia do princípio do pensamento universal e natural, ele destitui o senso comum e o bom senso, por serem determinantes de um pensamento dito “puro”. Para o filósofo, o ato de pensar vai além do representar. Ao criticar o modelo da recognição que constitui um ideal de ortodoxias, afirma um pensamento mais aventureiro, como forças de um modelo irreconhecível.

A ideia de representação é outro postulado destacado, de maneira que este envolve faculdades mentais que estabelece uma relação com a identidade, a analogia, a oposição e a similitude, todos objetos da própria representação. A recognição deixa o pensamento tranquilo, pois favorece uma explicação determinista dos objetos e das coisas. Já aquilo que não é possível ser reconhecido de imediato põe o pensamento em movimento, desde a violência provocada, por não constituir nenhuma imagem ao pensamento. Percebe-se que Deleuze, nessas suas três obras, refere-se à imagem do pensamento sob dois ângulos: uma direcionada à verdade, concedendo como função do pensamento a recognição; e o outro ângulo refere-se à imagem do pensamento que atua desde um encontro com signos que o violento, possibilitando o próprio ato de criação.

O estudo noológico vem para conferir a possibilidade de construção de um pensamento sem imagens preconcebidas e tidas como uma boa vontade, transformando-o em “uma máquina de guerra” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 49). Com toda sua violência,

vem para produzir outras imagens, anulando aquelas impostas por um Estado, um sistema ou um governo, a exemplo do documento Pátria Educadora, inicialmente referido. Assim, deseja-se criar outra imagem do pensamento em relação à docência, para exercê-la, demonstrando a força da literatura, da filosofia e da própria ciência, isto é, o agenciamento das caoides deleuzianas ao mobilizar o ato de ler-escrever.

Kafka na produção de sensações: por um devir-animal na docência

A partir de um estudo realizado no livro “Kafka: por uma literatura menor” (DELEUZE; GUATTARI, 2014), em que os filósofos exploram algumas obras do literato, enxerga-se força nesta temática para agenciar à ideia de docência. Acreditam que Kafka encontra uma estratégia para escapar de alguns momentos opressores vividos na família, no trabalho, ao constituir linhas de fuga com base no devir-animal apresentado: “devir coleóptero, devir cachorro, devir macaco” (Ibid., p. 26). Estes devires não servem como substitutos da família ou do trabalho, nem como arquétipos, constituem bem mais de “desterritorializações absolutas” que percorrem o mundo de Kafka (Ibid, p. 27).

Considera-se Kafka um escritor potente na produção de blocos de sensações. Estes blocos são compostos por perceptos e afectos. Essa ideia foi defendida por Deleuze e Guattari (2010), ao afirmarem ser os perceptos paisagens não humanas da natureza e os afectos os devires não humanos do homem. Do mesmo modo, para compor uma sensação, os blocos precisam de “bolsões de ar e de vazio, pois mesmo o vazio é uma sensação” (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p. 195). Eles não são dependentes da sensibilidade. Não se trata de sentimentos, ou sentimentalismos. Trata-se bem mais daquilo que é produzido entre forças que se embricam, de dois ou mais corpos (humanos ou não). Por isso, a afirmação de que é possível uma obra literária, produzir afectos, perceptos e vazios no leitor.

Demonstra-se esta possibilidade, com a seguinte citação de uma obra kafkiana:

Aqui sobre a cama coloca-se o condenado. Quero no entanto primeiro descrever o aparelho e só depois fazê-lo funcionar eu mesmo. Aí o senhor poderá acompanhá-lo melhor. No desenhador há uma engrenagem muito gasta, ela range bastante quando está em movimento, nessa hora mal dá para entender o que se fala; aqui infelizmente é muito difícil obter peças de reposição. [...] O condenado é posto de bruços sobre o algodão, naturalmente nu; aqui estão, para as mãos, aqui para os pés e aqui para o pescoço, as correias para segurá-lo firme. Aqui na cabeceira da cama, onde, como eu disse, o homem apoia primeiro a cabeça, existe esse pequeno tampão de feltro, que pode ser regulado com a maior facilidade, a ponto de entrar bem na boca da pessoa. Seu objetivo é impedir que ela grite ou morda a língua. Evidentemente o homem é obrigado a admitir o feltro na boca, pois caso contrário as correias do pescoço quebram sua nuca. - Isso é algodão? – perguntou o explorador, inclinando-se para a

frente. - Sem dúvida – respondeu sorrindo o oficial. – Sinta o senhor mesmo. Pegou a mão do explorador e passou-a sobre a cama (KAFKA, 2011, p. 68-69).

Como não sentir enjoo, medo e até mesmo o paladar do feltro entrando na boca? Como não escutar o ranger das engrenagens do aparelho, ou até mesmo o arrepio em tocar o algodão? Escrituras kafkianas produzem afectos, do não humano (o livro) ao corpo humano (o leitor). Do mesmo modo, o percepto do aparelho se eleva, antes mesmo de o personagem vê-lo funcionar. O caráter de estranhamento, dúvida e pessimismo está consagrado nas suas obras.

Assim, considera-se que ler Kafka é experimentar seu estilo que faz ascender “das percepções vividas ao percepto, de afecções vividas ao afecto” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 201). Trata-se de um autor com descrição de detalhes precisos que favorece o leitor a entrar no espaço/tempo exposto no conto. Sua escritura consegue capturar aquele que o lê, nem que seja para expulsá-lo no mesmo instante, por não suportar tantas sensações. Não se trata de ser mais sensível ou menos, não se trata de uma revelação pela sensibilidade. O que se percebe, nesta demonstração, é o movimento autônomo de um estado que se apodera do leitor, um devir-condenado.

Pode-se considerar, também, as afecções provocadas pela literatura com a ideia de potência em Spinoza (2007). O filósofo compreende por afeto as afecções dadas a um corpo, e que produz neste uma potência de agir e de pensar, já que corpo e mente estão correlacionados. Essa potência é aumentada ou diminuída desde os encontros possíveis, alegres ou tristes. A literatura de Kafka propõe um encontro, de maneira que não apenas a mente sofre uma ação (criação de paisagens no pensamento), mas o corpo também (estado, devir). O devir-animal, constituído em alguns personagens kafkianos, demonstra a possibilidade de constituição de estados em um corpo.

Considerando os experimentos já realizados em Oficinas de Escriteiras³, lendo e escrevendo a partir de contos e novelas de Kafka, enxerga-se força de tal experimento na construção de imagens do pensamento da docência desde os devires animais apresentados em algumas de suas obras. A partir da ideia escolhida para tecer este trabalho, percebe-se uma necessidade de adentrar na temática do animal na filosofia. Para este campo de saber, o

³ Oficina de transvaloração: filoescritura com Kafka (2011); Oficina Filoescrituras com Kafka: entradas e saídas (2011), Oficina Filoescrituras com Kafka: uma abecedagem da existência (2011), Oficina Escriteiras e a estética da existência (2012), Oficina Kafka e um artista da fome (2011), coordenadas por integrantes do Núcleo UFRGS. Oficina Conatus (2012), coordenada por integrantes do Núcleo UFPel. Oficina Metamorfose (2015), coordenada pelo Núcleo Unioeste.

homem é considerado um animal filosófico, pois, sendo um animal que pensa não ser, utiliza-se de sua condição racional, e que por esta condição, se diz homem.

Em Aristóteles (2015), a concepção de animal e homem é definida a partir da reflexão feita em torno do conceito de Cidade. O filósofo afirma que a Cidade (*pólis*) provém da natureza e o homem, por natureza, é um animal político, pois é destinado a viver em sociedade. Se o homem não tivesse sua existência da Cidade, este seria um ser inferior, como o animal, por exemplo. A natureza deu ao homem o poder de discursar. Porém, o que de fato difere o homem do animal não é o ato de comunicar-se, mas, sim, a possibilidade de distinção entre bem e mal, justo e injusto, útil e prejudicial.

Derrida (2011), após a experiência de, estando nu, ser observado por sua gata, reflete sobre a relação homem-animal. Aponta que o pensamento tradicional estabeleceu fronteiras entre o humano e o não humano, da qual o homem anuncia-se a si mesmo, pois este é detentor da linguagem, tem a capacidade de nomear-se. O animal é um ser privado de linguagem, privado de uma resposta, do direito a responder. Para o filósofo, é necessário rever as teorias sobre a animalidade, considerando duas questões importantes: a interação entre o humano e o animal, e a questão autobiográfica, na tentativa filosófica de responder “quem sou eu” (PAIXÃO, 2013, p. 274). Pela experiência de se sentir visto por um animal, Derrida depara-se com o limite que intitula de abissal, na tentativa de desconstruir essa linha que divide os dois seres: a linguagem. O olhar da gata passa a evocar uma responsabilidade, provocando duas diferentes situações nessa relação: “uma que reduz os animais a coisas, coisas que não veem, objetos vistos pelos humanos, e outra que percebe o olhar do animal, percebe-se a si mesmo enquanto olhado pelo animal” (Ibid, p. 276).

Seguindo outra perspectiva sobre a temática do animal, destaca-se Gilles Deleuze e Claire Parnet (2015) em “O Abecedário de Gilles Deleuze”. Na letra A, Deleuze aponta algumas questões que direcionam sua compreensão em relação à ideia de animal, bem como aquilo que o fascina em um. O filósofo refuta a relação humana estabelecida com os animais, principalmente os domésticos. Acredita que se deve ter uma relação mais animalesca e não o contrário. Todo animal tem um mundo próprio, relacionando-se de modo diferente dos humanos. Deleuze admira-os pela capacidade de reagir a muito pouca coisa, o que faz deles seres à espreita, constituindo seu próprio mundo.

O carrapato, por exemplo, fascina o filósofo porque reage a três pontos que o excitam: à luz, ao olfato (espera o momento certo para hospedar-se no outro) e ao tato (procura a região mais adequada para ficar). Diante de uma natureza imensa, o carrapato reage a esses três signos: luz, odor e tato. Por fim, o autor estabelece a relação do escritor/animal, sendo o

escritor um ser à espreita e, que ao constituir um território, produz e reage aos signos emitidos. Pode-se pensar no próprio docente como um ser à espreita. Um ser que constitui seu território, assim como um escritor, buscando referências para manter-se nele, apostando em levar a própria linguagem a um limite que o separa do animal.

Os personagens de Kafka (1997, 1998), em alguns de seus contos e novelas, conseguem alcançar o grito, o piar doloroso do homem que obtém seu devir-animal. Esse devir comporta um estado que não é ser homem nem bicho, mas a possibilidade de transitar em uma circunstância de animalidade que realiza “evoluções não paralelas, que não procedem por diferenciação, mas saltam de uma linha a outra, entre seres totalmente heterogêneos” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 22). Essa heterogeneidade refere-se a seres de naturezas diferentes, agenciados uns com os outros (homem e animal, por exemplo). O devir-animal se constitui de uma fronteira que desintegra a identidade humana, que não deseja representar nem explicar nada (GIL, 2000). Conforme Deleuze e Parnet (1998, p. 41), na conjugação entre o homem e o animal, nenhum deles possui semelhança ou imita ao outro, mas cada um desterritorializa, traçando linhas de fuga diante do instituído. Trata-se de um “sistema de substituição e de mutações pelo meio”.

Não se pretende produzir arquétipos de animais, nem se deseja a transformação dos professores em um determinado animal, mas pensar os processos subjetivos que constitui uma docência, desde as experimentações em escrituras ativadas a partir da matéria artística, filosófica e científica oferecida. O percurso pela filosofia está servindo para compreender as variações na concepção de animal, de maneira que é manifestada em diferentes posições. Ora observa-se que a raça humana é enaltecida em sua superioridade, conforme visto em Aristóteles, ora é estabelecida certa conexão entre homem e animal, ao causar a possibilidade de, nessa relação, o ser humano pensar-se, conforme destaca Derrida (2011). Por outro lado, Deleuze, em entrevista com Parnet (2015) não separa nem a superioridade nem a inferioridade de um em detrimento de outro, mas afirma aquilo que um animal tem de fascinante: a sua capacidade de reagir a muito pouca coisa, constituindo um território, desde sua singularidade.

Este estudo proporcionará a compreensão da constituição das imagens do pensamento sobre a docência. Será uma forma de acompanhar os momentos de desterritorialização causados pelo ato de escrever, de modo que essa nova imagem construída “não pode ser compensada nem pela comunidade imaginada de uma dada nação (pensamento de um currículo nacional), e exige assim a invenção de outros e novos territórios” (TADEU; CORAZZA; ZORDAN, 2004, p. 15).

O estilo na docência animal

O Projeto Escrileituras, que tratou do ler-escrever e, por isso, da linguagem também, esteve distante de tentar estabelecer relações entre naturezas e essências, significados e significantes, compreensão e interpretação, estando mais atento aos processos de tradução diante da matéria oferecida, de maneira que “as traduções são feitas com textos, não exclusivamente com línguas” (CORAZZA, 2015, p. 321). As traduções realizadas, em textos e através de textos, na linguagem escrita, serviam para serem dramatizadas, didaticamente, na cena de uma Oficina. Esses processos foram avaliados como pertinentes para pensar e problematizar a própria formação docente, de modo que

os professores participantes do Projeto ultrapassaram a identidade de ser professor de escola, aquele que só repassa os conteúdos produzidos na universidade e inventaram, para si, a partir de suas experiências singulares com as matérias de escrita e de leitura do Escrileituras, uma docência-pesquisadora (CORAZZA, 2015, p. 325).

É possível pensar que, ao realizar protocolos de experiência, como relatos, ao modo do macaco de Kafka, os docentes utilizam-se de uma maneira para dizer estou aqui, esse sou eu, e me constituo assim; e uma maneira de olhar para seu próprio processo de formação através da escrita. Esta se torna, por este viés, uma potência, uma máquina que faz funcionar algo e que, portanto, é constituída por conteúdos e expressões. Assim, aquele que escreve

não é um homem escritor, é um homem político, e é um homem máquina, e é um homem experimental (que cessa, assim, de ser homem para devir-macaco, ou coleóptero, ou cão, ou camundongo, ou devir-animal, devir-inumano, pois em verdade é pela voz, é pelo som, é por um estilo que a gente se torna animal, e seguramente por força de sobriedade) (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 17).

Pela afirmação de Deleuze e Guattari (2014), de que é por um estilo que se torna animal, pretende-se relacionar a ideia de estilo com a docência animal. Estilo como modo de variar uma língua na própria língua, oferecendo subsídios para pensar essa variação nos modos de viver uma docência enquanto animal. Uma maneira de oferecer a possibilidade de exercer outro estilo pedagógico, diferente da prática de transmissão de conhecimentos, de fé e moralidade religiosa, mas, ao modo kafkiano, pensar uma nova pragmática, agora subjetiva, para este professor, experimentando um devir-animal na sua docência.

Ao delinear estudos acerca do conceito de estilo (DELEUZE, 1988, 1997, 2010; DELEUZE; PARNET, 1998, 2015; DELEUZE; GUATTARI, 1995, 2014), observa-se que o

conceito é apresentado a partir de dois aspectos: o primeiro se refere à possibilidade de destituir uma ordem preestabelecida na língua pondo a variá-la de modo que se crie, no próprio idioma, uma língua estrangeira. Assim, a sintaxe passa por um momento deformador, reconstrutor. O segundo aspecto refere-se a um modo de levar a linguagem até o limite, produzindo uma espécie de música, outro idioma estrangeiro na língua materna. Para tal ação, há de se ter uma necessidade que move a sua produção. Uma necessidade de dizer algo, de ser devastado, como o significado, na aposta de criar outra língua, pois a língua materna torna-se odiosa. O estilo é apontado pelo autor como uma necessidade de composição a partir daquilo que se escreve. Trata-se de um desejo do próprio autor.

Outro fator importante de se destacar neste conceito é a ideia de composição que está atrelada a este fazer. O estilo está intimamente implicado com as coisas que se agenciam para compor uma determinada escrita. Uma composição que é feita das matérias que vão sendo reunidas durante o ato de escrever. São os signos emitidos que provocam o arranjo de determinada matéria para realizar um processo escritural e, por se tratar de um procedimento, pode conservar blocos de sensações (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

É possível demonstrar a possibilidade de variação em um estilo, desde um fragmento de uma esrileitura produzida para a gravação em *podcast*, na segunda Oficina *Conatus* realizada com professores em formação, na universidade. Escrevem eles sua ficção:

[...] Nesse momento, Bartleby para, olha em volta e percebe os movimentos dos outros cavalos. Eles seguem assustados, mas resolutos como se soubessem aonde querem chegar (som de trotes de cavalos). Bartleby percebe que talvez ele não saiba e se deixa estar assim por um tempo que é difícil de quantificar. De posse do tratado dos direitos humanos dos animais, o chefe da vigilância sanitária se aproxima de Bartleby: - Ei, venha comigo, você tem direitos! A chuva engrossava (barulho de chuva). As palavras do chefe da vigilância sanitária se confundiam com a água que escorria pela crina de Bartleby (barulho de chuva e vento). As palavras são água. As palavras não param de cair. As palavras inundam tudo ao redor. O chefe repete: - Ei, venha comigo, você tem direitos! Nos olhos de Bartleby a imagem do sol, ficcionada por seu avô, o permite dizer: - Preferiria não! (*Podcast* intitulado Bartleby).

Utilizando-se da literatura de Kafka e de Melville, os participantes da Oficina criaram seus personagens, no devir possível reverberado pela experiência vivida, de maneira que o devir-cavalo, as palavras e as memórias involuntárias são fatores emergentes nessa fabulação. Pensar o estilo na docência, conectada à ideia de devir-animal, é produzir uma variação na maneira de ser professor, de modo a reerguer o desejo, alcançar o bloco animal, onde as significações se desfazem e liberam uma possibilidade de criar seu próprio modo de exercer a docência. Um exercício em meio à composição de seus registros cartográficos, das novas

imagens de pensamento potencializadas pelo ato de ler e escrever, isto é, das suas esrileituras.

Que essas esrileituras sejam reveladas não apenas em função de um determinado Projeto, mas que possam disparar a força necessária para o enfrentamento da profissão docente, encontrando subsídios não apenas na ciência, mas na arte e na filosofia. Trata-se, por assim dizer, de uma maneira de gaguejar a própria língua, gaguejar sobre as verdades preconcebidas que falam da docência. Como um animal, apoderar-se de um território, estando à espreita e alimentando-se dos signos emitidos por este mundo habitado.

Conclusão

Kafka e Deleuze favorecem a construção da ideia de pesquisar a possibilidade de uma docência animal a partir de um estudo noológico realizado no decorrer do trabalho de pesquisa. A trajetória feita, até então, pelo conceito de animal na filosofia revela uma compreensão de imagens favorecidas desde o experimento de escrituras por professores participantes de Oficinas de Esrileituras, mais especificamente, a Oficina *Conatus*, conforme fragmentos das produções apresentadas anteriormente. Desta forma, um devir-animal é acionado no instante do experimento, ao construírem outros territórios possíveis desde o estado provocado pelo conto ou novela kafkiana, juntamente com os conceitos filosóficos discutidos e matérias científicas reunidas.

Um devir-vaca, acionado ao expressarem a indignação de uma classe que se vê, por vezes, pressionada pela violência, pelo medo e pela própria falta de espaço de expressão. Um devir-cavalo, que constrói modos de lidar com as palavras em meio à multidão, na tentativa de encontrar uma saída, uma escolha. Um devir-besouro do homem que se define pelas obrigações e responsabilidades para com o trabalho e a família. Um devir-camelo, que deixa de ser professor para carregar os fardos de uma vida dissolvida nas areias de um deserto desolador. Um devir-macaco, que busca, na imitação do outro, também, uma saída.

Quais imagens do pensamento são possíveis na docência animal? Nenhuma imagem que consagre a interpretação, a significação nem a reconhecimento. O estudo da docência animal não vem para desvelar algo que está escondido, não quer criticar o que está posto e em funcionamento. Pelo contrário, pretende-se tratá-la enquanto constituição de si, de um território que não é para sempre, mas um lugar à parte.

Talvez a urgência da docência esteja aí: atualizar estados capazes de emergir atos criativos nos professores, na constituição de si em detrimento da constituição de uma

representação, de um “Eu” docente. Acredita-se, e por isso a aposta nesta pesquisa, na potência do próprio ato de educar, que fabrica sensações na composição realizada da matéria reunida: as três caoides. Evidenciar uma docência animal é demonstrar a docência na dor e na alegria que ela produz, encontrando as fronteiras, criando travessias para enfrentar os discursos anunciados e não anunciados que esta profissão carrega. Não se pretende criar outros enunciados em torno da temática, mas enaltecer aquilo que é potencializador e, também, o que despotencializa o professor diante de sua prática, para que este consiga encontrar sua própria saída, seja lendo, escrevendo, artistando, filosofando, entrando em devir.

Nesse empreendimento de relacionar a docência à produção de devires animais, destaca-se a sua importância, de maneira não a responder questões clichês colocadas: “o que é ser professor?”, ou melhor, “o que é ser um bom professor?”. Mas, que sejam os próprios docentes os desencadeadores e compositores de seus problemas, pondo a variar modos de ser/estar/fazer-se humanos.

Referências

ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo: Martin Claret, 2015.

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRASIL. **Censo da Educação Superior 2012**: resumo técnico. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2014.

_____. **Pátria Educadora**: a qualificação do ensino básico como obra de construção nacional – versão preliminar. Brasília, 2015.

CORAZZA, S. M. **Projeto de pesquisa**: Escrileituras: um modo de “ler-escrever” em meio à vida. OBS da Educação. Edital 038/2010. CAPES/ INEP. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, setembro de 2011.

CORAZZA, S. M.; RODRIGUES, C. G.; HEUSER, E. M. D.; MONTEIRO, S. B. Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 1029-1044, out./dez. 2014.

_____. Didática da tradução: transcrições do currículo no Projeto Escrileituras. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 24, n. 56, p. 317-331, mai./ago. 2015.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. **Sobre o teatro**: Um manifesto de menos; O esgotado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

_____. **Nietzsche e a filosofia**. Disponível em:

<https://poars1982.files.wordpress.com/2008/06/deleuze_nietzsche_ea_filosofia.pdf> Acesso em: 12 mar. 2016.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka**: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

_____. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.

_____. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 2012.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Disponível em: <<http://escolanomade.org/images/stories/biblioteca/downloads/deleuze-o-abecedario.pdf>> Acesso em: 06 set. 2015.

_____. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DERRIDA, J. **O animal que logo sou**: (a seguir). São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GIL, J. Metafenomenologia da monstruosidade: o devir-monstro. In: COHEN, J. J. **Pedagogia dos monstros**: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

KAFKA, F. **A metamorfose**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **Josefina, a cantora ou O povo dos camundongos**. In: KAKFA, F. Um artista da fome e A construção. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. Na colônia penal. In: **Essencial Franz Kafka**. São Paulo: Penguin Classics e Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, F. **Vontade de potência**. São Paulo: Editora Escala, 2008.

PAIXÃO, R. L. Sob o olhar do outro. Derrida e o discurso da ética animal. *Sapere Aude*, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 272-283, 1º sem. 2013.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SANTOS, M. F. **Noologia geral**. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/mario-ferreira-dos-santos-noologia-geral-livro-completo.html>> Acesso em: 15 fev. 2016.

SPINOZA. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

TADEU, T.; CORAZZA, S. M.; ZORDAN, P. **Linhas de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.